

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O OLHARES DO MEDITERRÂNEO - WOMEN'S
FILM FESTIVAL
15 de novembro de 2022

LEILA WA AL ZIAP / 1984
(“Leila e os Lobos”)

de Heiny Srour

Realização, Produção e Argumento: Heiny Srour / Fotografia: Curtis Clark, Charlet Recors / Montagem: Eva Houdova / Música: Bachir Mounir, Zaki Nassif / Direção Artística: Ahmed Maala, No'man El Joud / Som: Peter Maxwell / Interpretações: Nabilah Zeitouni, Rafic Ali Ahmad, Ferial Abillama'a, Emilia Fouad / Cópia: DCP, cores, falado em árabe e em inglês, com legendas em francês e legendas eletrônicas em português / Duração: 94 minutos / Estreia Mundial: Outubro de 1984, Mannheim-Heidelberg International Film Festival / Inédito em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.

Com a presença de Heiny Srour.

Em 1974, Heiny Srour fez história ao tornar-se a primeira realizadora dos, digamos, “Países Não-alinhados” a ver um filme seu seleccionado pelo Festival de Cannes. Tratava-se de um documentário sobre a resistência feminina às forças-fantoches do colonialismo britânico, em plena província de Dhofar, intitulado **Saat el Tahrir Dakkat, Barra ya Isti Mar/Chegou a Hora da Libertação**. Essa libertação aconteceu pela mão de um conjunto de mulheres lutando pela reforma social e política do Estado, para pôr termo à sua submissão religiosa. O ponto de partida não é muito diferente nesta obra rapsódica intitulada **Leila wa al ziap/Leila e os Lobos**. Os lobos continuam a ser mais ou menos os mesmos de sempre – as forças repressivas vindas de fora, comandadas por homens brancos que invadem e expropriam de maneira discricionária cada pedaço do território, indiferentes à sua história milenar e à cultura que o fertiliza desde tempos imemoriais. A “desarabização” do território (cada vez mais mítico, cada vez mais real) da Palestina é o que junta os cacos da narrativa estilhaçada de **Leila e os Lobos**, em que, mais uma vez, Srour se centra no exemplo de coragem da mulher árabe, resistindo contra o inimigo opressor externo e contra uma cultura que não cessa de desvalorizar ou menorizar o seu papel na sociedade.

A “Leila” do título tem vários rostos. Em cada rosto mais ou menos encoberto, mais ou menos anónimo, há uma história que se revela. As mulheres vestidas com burcas negras na praia são, digamos assim, o primeiro *plateau* mítico, a partir do qual se desenvolve toda uma narrativa feita de sofrimento e tragédia – de guerras atrás de guerras que acometem o povo palestino e libanês. O outro *plateau* nesta história de histórias, à boa maneira de uma espécie de **Paisà** (1946) da causa palestina, é a exposição de arte em Londres, onde uma jovem mulher libanesa se pergunta pela presença de mulheres no cenário de guerra face a uma série de imagens que as excluem. O homem ouve a pergunta e “despacha” a interrogação lembrando a pouca participação das

mulheres árabes na vida pública. Este é o ponto de partida – o empurrão – que permite a Srouf, com uma sensibilidade e imaginação notáveis, desenrolar o seu complexo fio narrativo, como que atravessando, num sopro, várias vidas dominadas pela opressão, pela guerra e pelo martírio.

A perspectiva não é forçosamente romântica, mas necessariamente poética e, por isso, bela, porque não, não é verdade que as mulheres “não estiveram lá”. O filme de Srouf mostra-as em acção. E esta acção é múltipla, variada, mas sempre destemida. Pode ser a ajudar no contrabando de armas entre províncias ocupadas por forças britânicas; pode ser à hora do chá, debatendo o lugar de cada uma nas lides domésticas, ocupando-se dos homens que chegam, derreados, do conflito; pode ser empunhando uma espingarda, disparando sobre o inimigo, seja ele qual for. A acção varia, mas elas estão – estiveram – lá, pese embora as “imagens da História” não as tenham sabido ou querido incluir. Srouf repara essa falta grave filmando histórias, algumas míticas, em jeito de fábula (como a do casamento falso que serviu de “distracção” para “fazer passar” armamento), outras de carácter mais observacional, ao nível dos hábitos e costumes de uma cultura dominada pela figura masculina (as mulheres na cozinha, a tomar chá, divididas entre o trabalho em casa ou a luta emancipatória na linha da frente do[s] conflito[s]).

As cores e movimento do filme enganam, sendo cada história, por vezes, interrompida pelo tom mais grave da tragédia, algo que é colocado *in nuce* logo ao início, quando vemos a personagem alegórica que protagoniza o filme – possível símbolo da paz e da graciosidade feminina – olhando-se ao espelho e envelhecendo num abrir e fechar de olhos. Ela verifica, já velha, que pouco ou nada mudou; que a destruição e a morte continuam a dominar as conversas e a manchar de sangue e a tingir de cepticismo a história das famílias. Apesar do filme de Srouf não trazer boas novas em relação à resolução desta interminável história de conflitos, acaba por traduzir, em imagens de altíssima dignidade poética, uma mensagem de esperança, nomeadamente quando encerra a história das mulheres de burca na praia com a revelação do rosto de cada uma e com esse gesto tão simples quanto significativo de se irem banhar à beira-mar. Enquanto a dignidade destas mulheres se mostrar assim, resoluta e bela, ainda será possível – e valerá a pena – resistir.

Luís Mendonça